

A primeira experiência em escola como estudante de Licenciatura

Cibele Reis Flores¹

Angela Derlise Stube²

A primeira experiência com a prática pedagógica, no âmbito da vivência universitária, ocorreu em outubro de 2022, quando houve as inscrições para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Desde então participo das formações presenciais ou on-line, mediadas pela professora responsável Angela Derlise Stube na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, atuando, então, como pibidiana na Escola Estadual Básica Bom Pastor, localizada na cidade de Chapecó, no estado de Santa Catarina. As atividades foram desenvolvidas no Ensino Médio e Fundamental sob a supervisão da Professora Marilu Claudia dos Santos Machado³.

Esta experiência não representou a iniciação em sala de aula, mas foi a primeira vez que envolvida em um projeto acadêmico relacionado à formação na licenciatura. Vale ressaltar que, devido à pandemia, a interação física com a instituição acadêmica foi limitada até o início do semestre de 2022. Entretanto, obtive contato com a educação municipal, por meio de um breve estágio que se findou no final do semestre de 2021.

Esta falta de familiaridade com os programas de iniciação à docência e outros projetos disponíveis para os estudantes, fez com que ocorresse, inicialmente, uma desorientação em relação à minha trajetória universitária. Com o retorno das aulas presenciais, iniciou-se a compreensão de que a universidade era, de fato, o meu lugar. Após o recesso acadêmico de 2022, tive a oportunidade de participar do processo seletivo para ingressar no PIBID, encorajada pela Coordenadora do Programa. Essa decisão representou um passo significativo em direção ao meu diploma, e estou convencida de que o PIBID tem desempenhado um papel fundamental na transformação da nossa visão sobre a escola e na formação acadêmica ao trabalhar em escolas, temos a oportunidade de interagir com professores, gestores escolares e outros profissionais da educação, nos ajudando a desenvolver habilidades de ensino, conseguindo aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos na universidade. Isso pode nos levar a ter conexões valiosas e visando também oportunidades futuras de emprego. O contato com a realidade da educação básica pode sensibilizar os estudantes para questões sociais e desafios da educação, promovendo um amadurecimento pessoal e profissional, melhorando as habilidades de comunicação, empatia e paciência.

No primeiro semestre, nosso primeiro contato através do programa ocorreu através de uma turma do sétimo ano do Ensino Fundamental. A nossa abordagem compreende duas fases

¹ Graduanda do Curso de Letras Português Espanhol, da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, cibele.flores@estudante.uffs.edu.br

² Doutora em Linguística Aplicada. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. angelastube@uffs.edu.br

³ Pós graduada em Psicopedagogia Institucional. Universidade Comunitária da Região de Chapecó - UNOCHAPECÓ. 652614@profe.sed.sc.gov.br

distintas: primeiro procedemos à observação da turma, analisando a interação dos estudantes durante as aulas de Língua Portuguesa, ministradas pela professora regente da sala e como ocorrem as interações dos alunos entre si e com o ambiente escolar, notando que, nesta instituição, as salas de aula são concebidas como "salas ambientes".

Na segunda fase, após aproximadamente um mês de observação, iniciamos a nossa proposta didática. Neste ponto, a professora regente já havia apresentado e explorado a obra "Sete Monstros Brasileiros", de Bráulio Tavares, com os alunos. Iniciamos então o nosso projeto de ensino de Língua Portuguesa, que consistia na realização de uma peça teatral. Dividimos a turma em sete grupos, atribuindo a cada um deles uma das lendas do livro para recontar, com a tarefa adicional de modificar o desfecho da lenda de acordo com a sua interpretação. Cada grupo também foi responsável por criar e apresentar uma encenação da lenda, utilizando fantoches.

A escolha de realizar uma peça teatral como abordagem pedagógica para o sétimo ano foi baseada na solicitação da professora regente da turma. Ela nos apresentou a opção de trabalhar com uma prática cultural ou com produção textual. Optamos pela dramatização, com o objetivo de realizar um primeiro contato dos alunos à cultura uma vez que, ao consultar os alunos, constatamos que nenhum deles tinha conhecimento sobre teatro, sua estrutura e onde poderiam assistir a peças. Este desafio motivou-nos a cumprir com a abordagem pedagógica. Para garantir a participação ativa dos alunos, dividimos as histórias aleatoriamente, incentivando-os a dialogar, chegar a consensos e distribuir as responsabilidades entre os membros de cada grupo.

Além de produzir uma peça teatral, pedimos a cada grupo que modificasse o roteiro final da história designada a eles. Isso implicou uma revisitação do conto, conseqüentemente, na produção de textos que serviriam como base para a criação dos fantoches e a encenação da versão nova da lenda. Portanto, por meio do nosso projeto de peças teatrais, buscamos proporcionar aos alunos uma breve exposição ao mundo do conhecimento e às oportunidades que a educação superior oferece. Conforme a categorização de conteúdos de Zabala (1998), que se divide em conteúdos factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais, avaliamos que a prática teatral é efetiva e latente, por englobar múltiplos aspectos e variáveis, necessário ao desenvolvimento da aprendizagem. Permeia a reflexão sobre valores, atitudes e normas (atitudinais), estimula a compreensão da necessidade da técnica, métodos e estratégias (procedimental) a partir do conhecimento de fatos e situações (fatuais), sem abrir mão de conceitos e objetos e símbolos trabalhados (conceitual).

No PIBID, tivemos a oportunidade de contar com o apoio institucional, que combinava conhecimento teórico com a aplicação prática. Compartilhar experiências em discussão com colegas de programa e professores das escolas parceiras, proporcionou um senso de direção e confiança em nossa trajetória.

Na segunda etapa do projeto, acompanhamos as turmas do 2º ano do Ensino Médio. A professora regente da turma que acompanhamos, demonstra um envolvimento profundo com seus alunos, tendo-os acompanhado desde o Ensino Fundamental até esse momento. Este vínculo entre educador e educandos é resultado do cuidado, atenção e respeito mútuo que pode ser cultivado dentro da sala de aula. Libâneo (2012) categoriza, dentro das possibilidades da educação tradicional as práticas socioeducativas, através da cultura e das

ações pessoais humanitárias, a alternativa para as limitações da escola nos moldes atuais. Nessa perspectiva ele afirma que:

“A escola se caracterizará como lugar de ações socioeducativas mais amplas, visando ao atendimento das diferenças individuais e sociais e à integração social. Com apoio em premissas pedagógicas humanitárias, concebeu-se uma escola que primasse, antes de tudo, pela consideração das diferenças psicológicas de ritmo de aprendizagem e das diferenças sociais e culturais, pela flexibilização das práticas de avaliação escolar e pelo clima de convivência – tudo em nome da intitulada educação inclusiva.” (Libâneo, 2012, p.17).

A partir do momento em que saímos das salas da universidade e encontramos a nossa realidade profissional, descobrimos desafios maiores do que o ambiente puramente acadêmico nos prepara, a realidade do ambiente escolar transcende o mero fato de estar presente na escola e escrever no quadro-negro. Envolve encontrar soluções para diversas situações desafiadoras, como a ausência de alunos em dias chuvosos devido a dificuldades de acesso, bem como professores sobrecarregados com múltiplas cargas horárias em diferentes escolas.

Empiricamente experienciamos que ensinar é agir na urgência, e decidir na incerteza (Perrenoud, 2001). Há também alunos que trabalham para contribuir com suas famílias e, por isso, enfrentam limitações em seu envolvimento com a escola. Cada aluno possui uma história única, o que representa um desafio constante para oferecer uma educação pública de qualidade.

O papel do professor extrapola a mera transmissão de conhecimento, envolve também a educação e o aprendizado mútuo. O ensino é uma via de mão dupla, na qual os alunos também têm o potencial de enriquecer a experiência de aprendizagem com suas perspectivas e atuações. A educação tem o poder de transformar o mundo, mas para isso, devemos estar conscientes da nossa capacidade e do acesso à educação pública de qualidade. Essa oportunidade se estende além do ensino básico e abarca as instituições de ensino superior.

Ao utilizar uma camiseta com o logo do PIBID enquanto atuo em uma escola pública, estou plantando a semente do conhecimento e lembrando aos alunos que a universidade está ao alcance deles, independentemente de suas condições. O PIBID é uma oportunidade prática de mostrar, educar e aprender, demonstrando que existem diversas abordagens para o ensino e a aprendizagem, e que todos podem contribuir para o crescimento, tanto os alunos quanto os bolsistas do programa e os professores envolvidos.

Palavras-chave: PIBID, Escola Pública, Sala de aula, Teatro, Prática Pedagógica.

Referências

LIBÂNEO, J. C. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012.

PERRENOUD, P. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**. Tradução Cláudia Schilling – Porto Alegre: ARTMED, 2001.

Zabala, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre, ARTMED, 1998.